

OS REMADORES BRASILEIROS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1948: DISPUTAS DE REPRESENTAÇÕES REGIONAIS PARA ALÉM DAS RAIAS DE REMO

Carolina Fernandes da Silva¹ Giandra Anceski Bataglion² Janice Zarpellon Mazo³

Resumo: O presente estudo visa compreender como a participação de atletas do remo sul-rio-grandense na delegação brasileira dos Jogos Olímpicos de 1948 mobilizou representações sobre amadorismo e profissionalismo em alguns órgãos da imprensa gaúcha e carioca. Para tanto, procedeu-se a análise documental de reportagens de jornais dos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Evidenciou-se que a convocação de dois remadores de clubes externos ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo, os sul-rio-grandenses Paulo Diebold e Pércio Zancani, para compor a delegação olímpica brasileira acirrou o debate sobre amadorismo e profissionalismo esportivo na imprensa nacional e ancorou conflitos de representação entre a imprensa gaúcha e carioca. Assunto este, que já se fazia presente no cenário internacional desde o início do período pós Segunda Guerra Mundial e, na conjectura dos Jogos Olímpicos de 1948, foi exacerbado no Brasil, tendo nas impressas regionais a manifestação de embates de representações estaduais, afloradas pela busca de resultados no esporte. Neste contexto, tem-se que as discussões em torno do amadorismo - como prática de distinção - e do profissionalismo no esporte, possivelmente foram empregadas pela mídia impressa a fim de beneficiar alguns remadores em detrimento de outros. Em meio a tal polêmica e lançando mão de diversas estratégias, atraíram-se leitores interessados na latente competição estabelecida fora das raias das regatas. Conclui-se que, no Brasil, a despeito de indícios da profissionalização de atletas olímpicos ter começado a ganhar força na década de 1950, o processo se manifestou antes no remo, possivelmente, ancorado em polêmicas geradas pelas impressas regionais, como a sobre os remadores que foram aos Jogos Olímpicos de 1948.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; História; Esporte; Remo; Amadorismo; Profissionalismo.

Afiliação

¹ Universidade Federal de Santa Catarina; ² Universidade Federal do Rio Grande do Sul; ³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

BRAZILIAN ROWERS IN THE 1948 OLYMPIC GAMES: DISPUTES OF REGIONAL REPRESENTATIONS BEYOND THE ROWING RAYS

Abstract: The present study aims to understand how the participation of athletes of Rio Grande do Sul rowing team in the Brazilian delegation of the Olympic Games in 1948 mobilized representations about amateurism and professionalism in some organs of the “Gaúcha” and “Carioca” press. To this end, we proceeded to documentary analysis of newspaper reports from the states of Rio de Janeiro and Rio Grande do Sul. We realized that the call of two rowers from clubs outside the Rio de Janeiro-São Paulo axis, the Rio Grande do Sul Paulo Diebold and Pécio Zancani, to compose the Brazilian Olympic delegation, intensified the debate on amateurism and sports professionalism in the national press and anchored representation conflicts between the two presses. This subject, which has been present on the international scene since the beginning of the post-World War II period and, in the conjecture of the Olympic Games 1948, was exacerbated in Brazil, having in regional presses the manifestation of clashes of state representations, touched by the search results in sport. In this context, the discussions around amateurism - as a practice of distinction - and professionalism in sport, possibly were employed by the print media in order to benefit some rowers over the others. Amid such controversy and launching diverse strategies, readers were attracted, interested in the latent competition established outside the race lanes. It is concluded that, in Brazil, despite evidence of professionalization of Olympic athletes having begun gaining strength in the 1950s, the process first manifested itself in rowing, possibly anchored in controversies generated by regional presses, like the one about the rowers that went to the 1948 Olympic Games.

Key words: Olympic Games; History; Sport; Rowing; Amateurism; Professionalism.

Introdução

O ano de 2020 assinala 100 anos da primeira participação de uma delegação brasileira em Jogos Olímpicos (JO), sucedido na edição de 1920, na Antuérpia (Bélgica), após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Diante desta data comemorativa, reflexões sobre o decorrer de um século de participações do Brasil em edições dos JO de Verão nos remetem a necessidade de desenvolver mais investigações sobre as histórias do esporte brasileiro, como o debate entre profissionalismo e amadorismo, uma vez que a falta de patrocínio para os atletas brasileiros está fazendo com que estes deixem de ter o esporte como fonte de renda e busquem trabalhar paralelamente, como comentou uma das atletas que foi para os JO de Tóquio, em 2021^{1*}: “o fato de não ter patrocínio fez com que eu sempre tivesse que trabalhar para poder pagar os meus treinos e a minha vida”¹.

Ressalta-se que durante o século XX, o esporte olímpico brasileiro foi marcado por discussões relativas ao amadorismo e o profissionalismo dos atletas, baseada na teoria que o atleta amador participava das competições com desinteresse financeiro, baseado apenas na vontade de vencer e na formação do caráter. Entretanto, apesar da abertura para a participação de atletas profissionais nos JO acontecer apenas na década de 1980², percebe-se que elementos amadores não estão desaparecidos do debate. Assim, compreender como as discussões elaboradas a partir de profissionalismo *versus* amadorismo se sustentavam em suas narrativas, permite o entendimento de quais elementos simbólicos, para além da prática esportiva, estavam envolvidos.

Ao buscar entender as concepções de amadorismo no âmbito esportivo, recorreremos a Bourdieu³, Dunning⁴ e Hobsbawm⁵, autores que trataram sobre o tema e desenvolviam suas teorias de forma relacional. Para Bourdieu³, a proposição da prática esportiva amadora apresenta o esporte como tão destituído de interesse quanto a atividade artística, porém como poderia ser instrumento de afirmação de virtudes *viris* para os futuros líderes, tornava-se mais conveniente do que a arte, e está relacionado com um capital simbólico, o qual está associado a um conjunto de rituais ligados a honra, prestígio e respeito. Este *ethos* era ligado ao ideal da prática realizada apenas por divertimento, onde outros aspectos, como “o *fair play*, a aderência voluntária às regras e a participação desprovida de qualquer interesse pecuniário, são, no essencial, aspectos subordinados”⁴ (p. 314).

^{1*} Em decisão inédita na história dos JO, a edição que ocorreria em Tóquio, no Japão, em 2020, foi adiada para 2021 devido à pandemia do vírus Covid-19, porém a denominação do evento permaneceu Tóquio 2020.

Em uma análise mais densa, percebe-se que o próprio discurso do amadorismo, estava envolvido por interesses. O esporte era concebido como uma escola de coragem e de virilidade, onde era possível "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer, a marca dos verdadeiros chefes³ (p. 5), os quais frequentavam as elites e se utilizam destas práticas também para distingui-los de outras classes, menos abastadas financeiramente, bem como a conservação desta posição. Esta concepção, conforme Hobsbawm⁵, construía uma distância entre os esportistas de elite e os operários, pois estava relacionada com o tempo disponível dedicado à especialização do desempenho, onde os trabalhadores das indústrias apenas poderiam inserir-se se fossem pagos, visto que a manutenção das necessidades diárias estava vinculada ao seu desempenho físico. Assim, o discurso do amadorismo esportivo era estratégia de distinção e campo de disputa de poder, seja por capital financeiro ou simbólico.

Conforme Chartier⁶, a teoria de Bourdieu aponta que nestas lutas de representações se identificava quem era digno da categoria de ser, neste caso, esportista. Isto vai ao encontro do pensamento de Burke⁷, para o qual representações culturais geram matrizes de práticas e comportamentos fornecidos de forma explicativa de uma realidade integrada e de coesão social, eles são portadores de capital simbólico e dizem mais do que aquilo que mostram ou ocultam. No caso do Brasil, de acordo com Proni², ainda em meados do século XX, o amadorismo estava associado com o simbolismo de um verdadeiro espírito esportivo. Contudo, Yamandu e Góis Júnior⁸ referem que a profissionalização dos atletas começou a atingir os esportes no país em torno das décadas de 1920 e 1930, e a crise entre a dicotomia do amadorismo e profissionalismo nos JO, de acordo com Proni², teve seu auge nas décadas de 1940 e 1950, com a sua transmissão pelo rádio e, posteriormente, pela televisão.

Um indício de que esta crise intensificou-se na imprensa brasileira nas vésperas dos JO de Londres, em 1948, pode ser identificado em uma nota jornalística publicada em um jornal carioca: "abandonado e desprestigiado por todos, o esporte amador viu-se de uma hora para outra senhor das atenções gerais, uma vez que estava em jogo uma viagem para a Inglaterra"⁹ (p. 25). Vale lembrar que o Rio de Janeiro era a capital do país no período, onde se localizavam as sedes dos órgãos administrativos do esporte nacional, Confederação Brasileira dos Desportos (CBD) e Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Como no período era preciso ser amador para participar dos JO e o profissionalismo já era uma realidade em alguns esportes, a fiscalização social sobre os atletas aumentou, assim como a cobrança sobre as autoridades.

Como em edições anteriores, os JO de 1948^{2*} foram divulgados em jornais brasileiros que, também, tornaram visíveis práticas esportivas e peculiaridades de diferentes locais do país. Tais jornais constantemente apresentavam o transcorrer da preparação, participação e retorno dos atletas nos JO, diversos assuntos eram tratados, como desempenho técnico, colocação em competições e disputas entre federações. Dentre estes assuntos, o amadorismo e o profissionalismo foram ponto propulsor de conflito entre os envolvidos no cenário do remo em dois estados do Brasil e fizeram dos jornais suas raias de competição. Quando começaram as eliminatórias para a seleção da equipe olímpica de remo, iniciou-se também a abordagem das imprensas carioca e do Rio Grande do Sul sobre a participação de dois remadores sul-rio-grandenses, gerando representações, as quais perduraram até um ano após o fim dos JO de 1948. De acordo com estudos de Cancela¹⁰ e Silva¹¹, estes dois estados estão entre os pioneiros na prática institucionalizada do remo no Brasil e competem entre si desde o fim do século XIX e início do século XX, em suas práticas e representações.

Diante disso, alguns jornais dos estados voltaram-se para o tema do amadorismo e profissionalismo no esporte impelidos pelos acontecimentos com os remadores. Reportagens expuseram indícios que clubes do Rio de Janeiro e São Paulo flertavam com atletas de clubes de remo do Rio Grande do Sul, inclusive os oferecendo auxílio financeiro¹². Diante desses vestígios de uma conjuntura do passado, emerge o seguinte questionamento: como a participação de atletas do remo sul-rio-grandense na delegação brasileira dos Jogos Olímpicos de 1948 mobilizou representações sobre amadorismo e profissionalismo em alguns órgãos da imprensa gaúcha e carioca?

Os jornais são fontes de reconstituição histórica, uma vez que, de acordo com Traquina¹³, as notícias ocorrem em um duplo movimento de criação, acontecimento-notícia e notícia-acontecimento. Além disso, como fonte, oferece vantagens pela sua periodicidade, disposição espacial da informação e o tipo de censura, apenas instantânea e imediata. Para este estudo, foram eleitos jornais gaúchos e cariocas^{3*}, com distribuição periódica nos estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, disponíveis gratuitamente para pesquisa na Biblioteca

^{2*} Informações específicas da edição dos JO de 1948 podem ser acessadas na referência: Olympic Games London 1948. Official Souvenir. London: Adrint House, 1948; p. 1-10.

^{3*} Optou-se definir a imprensa dos estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro como, respectivamente, gaúcha e carioca, em razão destes termos serem representações culturais que identificam os nascidos nestes estados, visto que foram identificados indícios de que os jornais se posicionavam de acordo com a região em que se localizavam. De acordo com Felippi¹⁶, identidades culturais também podem ser construídas pelo jornalismo, o qual prioriza determinadas representações selecionadas pelo seu valor comercial. Os termos gaúcho e carioca carregam conjuntos de significados atribuídos culturalmente aos nativos do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, nessa ordem.

Nacional Brasileira. Dentre os diversos jornais a disposição para consulta aberta, foram selecionados os que publicaram reportagens que envolviam estes remadores e o tema amadorismo e profissionalismo, 25 no total, a saber: Correio da Manhã (16), Jornal dos *Sports* (3) e Jornal do Brasil (1), do estado do Rio de Janeiro; Jornal do Dia (4) e Correio do Povo (1), do Rio Grande do Sul^{4*}. A coleta foi realizada no período anterior, durante e posterior aos JO, até a saturação do debate.

Tal postura possibilitou identificar uma teia de significados elaborados pelos agentes deste tempo¹⁴, ao se perceber diversos indícios a serem analisados para uma reconstrução narrativa do passado. A interpretação deste *corpus documental* foi realizada a partir de elementos da análise crítica da narrativa¹⁵. Para Motta¹⁵, as narrativas midiáticas, entre estas os jornais, são mais do que representações da realidade, auxiliam a organizar as ações em função de estratégias culturais de contexto, assim realizam ações e performances socioculturais. Desta forma, para este estudo, as reportagens foram organizadas como um conjunto de notícias isoladas sobre o mesmo tema publicadas dia após dia, que aparentemente não possuem narratividade, tornando-as uma história única. A análise se deu de forma contextual ao período, dando ênfase na dinâmica da reciprocidade entre narrador (jornais) e receptor (leitores), identificando a serialidade temática, remadores gaúchos e amadorismo/profissionalismo, e o encadeamento narrativo cronológico. Após, ocorreu a recomposição do acontecimento para a reconstrução da interpretação, onde os significados suspensos foram analisados.

Jogos Olímpicos de 1948: fissuras no amadorismo esportivo

A delegação brasileira que representou o país nos JO de 1948, contou com 81 atletas, sendo 70 homens e 11 mulheres^{5*}. Dentre os homens estavam quatro atletas brasileiros procedentes de clubes do estado do Rio Grande do Sul, que disputaram as competições de remo e de atletismo, a saber: Arlindo da Cunha Cabral (remo - timoneiro), Paulo Diebold (remo),

^{4*} Outros jornais, disponíveis na Biblioteca Nacional Brasileira, foram analisados, porém apenas tratavam da perspectiva do treinamento, resultados e técnicas dos remadores e não do tema em questão.

^{5*} Os números revelam um pouco sobre a situação das atletas olímpicas no Brasil no final da década de 1940. Percebe-se que o número de mulheres que integrou a delegação brasileira foi reduzido em relação aos homens. Esta escassa participação é um indício de que na época ainda havia preconceito com relação à prática esportiva pelas mulheres na sociedade brasileira, assinalada como conservadora e patriarcal. Nessa esfera, dentre outras regulamentações, a promulgação do Decreto-lei 3.199 de 1941, proibiu a prática de vários esportes às mulheres brasileiras por décadas. Ademais, em alguns estados brasileiros, como foi o caso do Rio Grande do Sul, a influência da filosofia positivista de Augusto Comte foi intensa, apregoando o mito da inferioridade física e intelectual da mulher²². Ressalta-se que dentre as mulheres não havia nenhuma atleta oriunda de clube do Rio Grande do Sul na delegação brasileira que foi aos JO de 1948.

Pércio Zancani (remo) e Ivan Zanoni Hausen (atletismo). Os dois remadores e o timoneiro eram provenientes do Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre^{6*,17, 18} e o atleta Ivan Zanoni Hausen^{7*}, embora nascido no Rio Grande do Sul, representou o Clube de Regatas Flamengo do Rio de Janeiro, nas provas de corrida. Talvez, isto tenha ocorrido porque ele era membro da Força Aérea Brasileira (FAB) e residia no Rio de Janeiro, capital do país na época. Vale mencionar que, assim como o atleta olímpico Ivan Hausen, outros atletas brasileiros e dirigentes esportivos, que participaram de edições anteriores dos JO, também tinham algum tipo de vínculo com as Forças Militares^{8*}, onde o fortalecimento corporal era incorporado como tarefa diária no ideário de preparação para guerra, bem como de técnicas para melhor desempenho.

Os JO de 1948 foram a primeira edição deste evento esportivo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com o fim deste conflito bélico, os JO foram retomados na cidade de Londres, Inglaterra, um dos países aliados vencedores em um período marcado por significativas mudanças sociais. Bolz¹⁹ afirma que esta cidade sede ainda carregava as cicatrizes dos recentes bombardeios e a força econômica do país estava no nível mais baixo de todos os tempos. Conforme Parks²⁰, o espírito de cooperação gerado pela vitória dos aliados sobre a Alemanha nazista incentivou o Comitê Olímpico Internacional (COI) [...] a reviver o movimento, trazendo mais nações para as Olimpíadas. Para Baker²¹, os tradicionais valores esportivos não estavam imunes a tais mudanças, mesmo aquelas consagradas nas distinções relacionadas com a classe de amadores e profissionais sentiram uma pressão reformuladora, vinda da concorrência internacional intensificada.

^{6*} O Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre, chamado de GPA, fundado em 21 de novembro de 1888, é considerado a primeira associação do estado do Rio Grande do Sul, organizada pela iniciativa de teuto-brasileiros, com a finalidade de promover não apenas a prática esportiva, mas também competições de remo, denominadas regatas. Além disso, é apontado como o mais antigo clube de remo do país, com atividades ininterruptas até o ano de 2019, quando completou 131 anos^{23,11}.

^{7*} Ivan Zanoni Hausen nasceu no dia dois de novembro de 1927, no Rio Grande do Sul. Ingressou na Escola de Aeronáutica, localizada em Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, em quatro de abril de 1945²⁴. Tornou-se coronel Aviador da Força Aérea Brasileira. Ocupou várias funções: chefiou a Seção de "Política, Estratégia e Doutrina" do Estado Maior da Aeronáutica; membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra; delegado e conferencista da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG); diretor geral de planejamento comunitário da Fundação Nacional do Índio; representante do Brasil no Terceiro Simpósio de Estudos Estratégicos Argentina-Brasil, realizado em 1989, em Buenos Aires; assistente do presidente da ELETRONORTE; assessor especial do Ministro do Trabalho e Administração. Traduziu alguns livros: *The Coldest War* (A Mais Fria das Guerras)²⁵; *Managing Thru People* (Administrando Através das Pessoas)²⁶. Publicou os seguintes livros: *Brasil Por Que os Militares?*²⁷; *Segurança Empresarial*²⁸. Foi membro das principais instituições brasileiras ligadas ao pensamento estratégico²⁹. E, disputou competições nacionais nas provas de 100 metros rasos, 200 metros rasos, revezamento de 4x100 metros³⁰. Ivan Zanoni Hausen faleceu em cinco de novembro de 2002, no Rio de Janeiro.

^{8*} Faz-se a ressalva que nas edições seguintes dos JO de 1948 há evidências de atletas e dirigentes oriundos da Marinha, Aeronáutica e Exército nas delegações brasileiras. No entanto, a quantidade de atletas era significativamente inferior ao número constatado nos JO do Rio de Janeiro em 2016, o qual totalizou um terço de atletas brasileiros das Forças Armadas, muitos deles sendo identificados pelo gesto de continência, quando estavam no pódio³¹.

O amadorismo esteve em pauta desde os primórdios dos JO da Era Moderna, cuja primeira edição ocorreu em 1896, denotando os primeiros sinais de enfraquecimento em meados do século XX. Entretanto, como pontuou em um dos seus escritos o idealizador dos JO da Era Moderna, o Barão Pierre de Coubertin, aproximadamente 35 anos depois, em 1931, a teoria do amadorismo no discurso esportivo se mantinha resistente: “Como uma cachoeira se lhes escapa repetidamente das mãos e reaparece zombeteira – intangível, sempre fiel a si mesma”³² (p. 290). Assim, os JO de 1948 podem ter balizado o princípio de mudanças que estavam por vir, uma vez que em seguida a este evento, os gestores esportivos ingleses agenciaram discussões sobre assuntos relacionados ao amadorismo no contexto internacional, visto que esportistas profissionais foram identificados²¹.

A presença de atletas profissionais nas competições gerou uma nova situação a ser administrada nos Jogos Olímpicos: enfrentar as possíveis contradições entre, por um lado, a sua manutenção na forma idealizada nos seus primórdios e, por outro, a competitividade com outros países²¹. A representação de um ideal de JO, de que trata o autor, estava relacionada a um romantismo sobre a prática do esporte de forma desinteressada relacionada ao amadorismo, percebida como princípio primordial que move as ações dos atletas, onde a competição enfatiza os valores morais e sociais da participação voltada para a equipe, sendo esta mais importante que o indivíduo³³ (p. 434). Esta construção de significados atribuídos à prática esportiva estava relacionada a uma perspectiva de distinção social, pois excluía indivíduos que não possuíam um tempo livre para as práticas esportivas, bem como os que necessitavam das capacidades físicas para o trabalho.

Apesar de o panorama esportivo internacional estar envolvido por representações disseminadas pelos JO, os quais ditavam regras e práticas, as vertentes do amadorismo e do profissionalismo se instauraram e se diluíram em diferentes culturas, de formas distintas e em díspares momentos. Além do período pós-guerra, no Brasil, a edição de 1948 assinalou a primeira participação de atletas brasileiros após a instauração do Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941³⁴, a qual estabelece a primeira legislação que busca organizar e regulamentar o esporte no país. Dentre outras medidas, este documento legal anunciava uma tentativa do governo federal de controlar o profissionalismo, uma vez que também objetivava “o desenvolvimento do amadorismo, como prática de desportos educativa por excelência, e ao mesmo tempo exercer rigorosa vigilância sobre o profissionalismo, com o objetivo de mantê-lo dentro de princípios de estrita moralidade”³⁴.

Na época, o profissionalismo já estava instaurado em estados da região sudeste do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo, já na década de 1910, particularmente no futebol. Houve uma transição nesse esporte chamada de semiprofissionalismo ou amadorismo marrom, o qual se caracterizava por privilégios e gratificações recebidas pelos atletas que se destacavam e, inclusive, possibilitando maior dedicação ao esporte do que ao trabalho³⁵. Para Almeida, Gutierrez e Marques³⁵, o amadorismo foi se desconstituir com a transição política do governo em 1933, que reconheceu o jogador de futebol como profissional regulamentado pela legislação trabalhista. Então, ao se abordar o processo de profissionalização do esporte brasileiro, o futebol foi pioneiro.

No entanto, se nos clubes de futebol já se disseminava de forma acelerada a profissionalização, em clubes destinados às outras práticas esportivas, o amadorismo resistia. Trata-se, por exemplo, de clubes de remo do Rio Grande do Sul, onde ainda se conservava o ideário do esporte amador nos anos de 1930. Em Porto Alegre, capital do estado, o Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre apregoava por meio de sua revista “O Biguá” textos que realçavam valores do amadorismo esportivo. Nos jornais sul-rio-grandenses, também eram veiculados assuntos, como indica a reportagem publicada: “infelizmente, hoje em dia, o amadorismo, o verdadeiro amadorismo, a pratica do esporte pelo esporte, desapareceu quase que por completo dos nossos clubes”³⁶ (p. 2). Além disso, estudos^{37,38,39} sobre a participação de sul-rio-grandenses em edições dos JO, até o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), demonstram que os atletas tinham a representação de amadores.

A investigação de Mazo e Assmann⁴⁰ sobre a participação de atletas nas edições dos JO de 1920 e 1924 evidenciou que os custos das viagens foram do próprio capital dos atletas e/ou de familiares, pois a ajuda do governo brasileiro era raríssima. A alegação do governo brasileiro de que não havia recursos financeiros para enviar uma representação para os JO devido à grave crise econômica do país foi o motivo da interrupção da participação no evento na edição de 1928⁴¹. Perante tal situação, desencadeia-se um movimento de organização do capital financeiro para os JO e, o país retoma a participação enviando atletas para as edições dos JO de 1932 e 1936. Em ambas, houve auxílio governamental e de entidades esportivas como o Conselho Nacional de Desportos (CND) e Comitê Olímpico Brasileiro (COB), mesmo assim, dificuldades financeiras foram solucionadas, muitas vezes, pelos próprios atletas, seus familiares, amigos e iniciativas de profissionais como jornalistas que apoiavam o esporte.

Com este cenário, a participação da delegação brasileira nos JO de 1948 era duvidosa. Porém, um ano antes da realização dos JO, em 1947, o jornal Correio da Manhã, publicou

entrevista com Arnaldo Costa, membro do Conselho Técnico de Remo (CTR) da CBD e diretor de remo do Clube de Regatas Flamengo^{9*} do Rio de Janeiro, versando sobre a possibilidade dos remadores brasileiros comparecerem aos JO⁴². Na entrevista percebe-se a valorização da superioridade dos remadores do Rio de Janeiro, indício da expectativa de tais atletas comporem a delegação, bem como de atletas dos países da Europa e Estados Unidos, nomeadas como “grandes nações”⁴². Destaca-se, ainda, na reportagem a perspectiva da técnica esportiva tendo os JO como referência de exposição das novidades esportivas internacionais, tendo os países do exterior como principal referência a ser copiada, alegando-se que em 1948 teria um apagado desempenho dos atletas oriundos de países que não enviaram grande número de soldados para a Segunda Guerra Mundial, ocorrida em solo europeu com a participação dos Estados Unidos, China e Japão, bem como dos efeitos deste conflito bélico, “levando-se em conta que, entre o numero de mortos figuravam muitos atletas de valor, não se deve esperar muito dos que permanecem num mundo faminto e quase em ruínas”⁴² (p. 10).

No caso dos brasileiros, a disputa se intensificava entre os países fronteiriços e a participação dos remadores nos JO foi condicionada a se tivessem desempenho considerado positivo no Campeonato Sul-Americano de Remo, que seria realizado em Montevidéu, no Uruguai, no mês de março de 1948, justamente no ano do evento olímpico. Aliás, a matéria cogitava que o êxito no Campeonato Sul-Americano de Remo poderia ser problemático, em razão do nível técnico do Uruguai e da Argentina se aproximar ao do Brasil⁴². No dia seguinte à publicação, outra reportagem proferiu comentários sobre a entrevista de Arnaldo Costa, intitulada “Remo: em vez de renovação, importação de valores”⁴⁵ (p. 12). Nesta, o jornal estimulava disputas internas entre os estados brasileiros com vista no Campeonato Brasileiro de Remo, eliminatória para o Campeonato Sul-Americano de Remo, como pode ser apontado no trecho: “não participamos no otimismo do sr. Costa, isto porque o remo nacional, que tem

^{9*} Registra-se que Arnaldo Costa ocupava posição na CBD e era dirigente de um clube de remo carioca. Nota-se que, historicamente, dirigentes do remo carioca ocuparam posições privilegiadas nas entidades esportivas brasileiras e tentaram comandar os clubes de remo brasileiros. Logo no início do século XX, no ano de 1900, ocorreu a fundação do Conselho Superior de Regatas. Essa entidade tem seu embrião na União de Regatas Fluminense, a qual foi organizada em 1895 por clubes de remo do Rio de Janeiro, mas entrou em atividade somente em 1897⁴³. De acordo com Cancelli¹⁰ (p. 5), a estruturação do Conselho Superior de Regatas tinha como finalidade “dominar as sociedades de regatas, controlando a organização do remo nacional, mas este objetivo recebeu muita resistência de entidades que regulamentavam o esporte em outras regiões do país”. É provável que uma das entidades que perpetrou resistência foi o Comitê de Regatas, fundado em 1894, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o qual é apontado como a primeira entidade esportiva estruturada no Brasil¹⁷. Diante da oposição, dois anos após sua fundação em 1902, o Conselho Superior de Regatas alterou sua denominação para Federação Brasileira das Sociedades de Remo, quando começou a organizar os campeonatos brasileiros de remo, iniciativa que reforçou a perspectiva unificadora do remo nacional almejado pela instituição carioca⁴⁴. Nas décadas seguintes, houve outras tentativas de controle do remo nacional pelos dirigentes cariocas, mas frequentemente se deparando com resistências de outros clubes de remo e entidades¹¹.

na metrópole o seu centro mais forte, talvez nem possa manter a hegemonia nacional que deteve largos anos”⁴⁵ (p. 12).

Além disso, o texto aponta que a competição internacional também poderia apresentar problemas aos clubes do Rio de Janeiro, visto que estes estavam mais interessados em fazer campeonatos para atrair novos remadores - possivelmente praticantes associados que pagassem a mensalidade - e, assim, teriam que contratar atletas de outros estados para ter chance competitiva⁴⁵, os quais seriam os atletas de alto rendimento, aptos para competições nacionais e internacionais. Desta forma, o jornal acusava os clubes do RJ de tratarem administrativamente dos praticantes, ou seja, a busca por grande número de associados para manter financeiramente o clube e, com isso, contratar talentos esportivos, assim romper com a tradição da competição entre os participantes dos clubes de forma amadora, a qual seria baseada em disputas entre identidades clubísticas.

Os remadores sul-rio-grandenses, Paulo Diebold e Pércio Zancani, já eram cobiçados por outros clubes, dentre eles, o Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro⁴⁵. No ano anterior à realização dos JO de Londres, os remadores Paulo Diebold e Pércio Zancani causaram impacto ao vencer as provas de Dois com Timoneiro e Dois sem Timoneiro com apenas uma prova de intervalo, no Campeonato Estadual de Remo em 1947¹⁸. O forte conjunto formado pelos remadores sul-rio-grandenses foi destacado pela imprensa no ano seguinte, em 1948, na disputa do XXXIX Campeonato Brasileiro Masculino de Remo, na cidade do Rio de Janeiro⁴⁶. Os resultados previstos para a dupla de remadores, tendo Arlindo da Cunha Cabral como timoneiro do barco, se confirmou quando o trio venceu o campeonato, chegando à frente da equipe paulista⁴⁷. Estas conquistas esportivas criaram expectativas para uma possível convocação da composição da delegação olímpica.

Em reportagem publicada sobre a expectativa da constituição da delegação olímpica, o Correio da Manhã criticou a pouca mobilização das confederações esportivas para organizar a viagem até Londres, bem como a busca por recursos para tanto: “o que não falta é vontade [de ir aos JO], mas dinheiro este só quem tem é o govêrno, que não o dá ao esporte e pouco está incomodado que o Brasil possua Comitê Olímpico Brasileiro”⁴⁸ (p. 12). Esta situação permaneceu durante alguns meses, pois em maio do mesmo ano o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) afirmou que estava se deparando com a má vontade da Câmara dos Deputados para a liberação dos recursos, os quais advieram da confecção de selos comemorativos dos JO pela Empresa de Correios⁴⁹.

Tal recurso financeiro foi liberado meses depois, nas vésperas da partida para a

Inglaterra⁵⁰, possivelmente, sanando as incertezas de participação dos atletas, os quais, de acordo com as regras do COI, deviam ser amadores. Então, ou deveriam ter recursos próprios para viajar para Londres ou dependiam do auxílio do governo. Assim, quanto mais precisamente os princípios do amadorismo eram aplicados, menos provável era que aqueles que não possuíam riqueza independente pudessem competir a nível nacional ou internacional como amadores²¹, o que limitava a participação de atletas de outros continentes. Se de acordo com as regras do Comitê Olímpico Internacional (COI), os atletas deveriam ser amadores para participar dos JO, no futebol brasileiro, o profissionalismo já era uma realidade, assim a organização para a participação da seleção masculina de futebol teve que ser adaptada para os JO de 1948, pois o amadorismo valorizado neste evento internacional não era realidade no Brasil^{10*}. E no caso dos remadores, originava um dilema: manter-se amador e não ir aos JO, pois não existiam garantias de apoio financeiro do governo, ou flertar com o profissionalismo e conseguir fundos para a viagem.

Amadorismo esportivo nos jornais: disputas para além das raia de remo

Em um tempo balizado por indagações acerca do amadorismo esportivo, percebem-se, também, disputas identitárias entre os clubes dos estados brasileiros atravessadas por discursos sobre valores morais. Nos clubes de remo do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, no período que antecipava o retorno das edições dos JO de 1948, a competição foi para o âmbito da argumentação tendo como base juízos de valor sobre amadorismo e profissionalismo, onde os jornais serviam de palco para exposição e formação de opiniões, como no trecho: “Embora deturpado pela prática dum ‘amadorismo marrom’ que não é apenas de hoje, mas desde que o futebol lhe tirou a hegemonia do esporte nacional, conserva, contudo, o nosso remo, muito daquela fibra e cavalheirismo dos bons tempos”⁵¹ (p. 10).

Para Dunning⁴, o *ethos* do amadorismo surge em meio aos esportes como ferramenta educativa das elites nas *Public Schools* da Grã-Bretanha e estava presente nos grupos de dirigentes esportivos do mundo, como o COI. Além disso, afirma que a orientação no sentido da seriedade é processo social inevitável nas práticas esportivas, porém a resistência persiste em razão do esporte ser voltado para o divertimento, ou seja, ser amador, o que gera o conflito com a orientação de preocupação principal ser quanto aos resultados⁴. No entanto, como as

^{10*} Para mais informações sobre a questão do amadorismo no futebol brasileiro e as lutas entre COI e FIFA, acessar: Giglio SS. A história política do futebol olímpico (1894-1988). São Paulo (SP): FAPESP; 2018⁵².

pressões sociais, por exemplo, da imprensa e da torcida, incidem sobre os clubes, estes se voltam à perspectiva de melhores resultados e, com isso, a modificação dos valores que guiam a prática esportiva.

De acordo com Proni², apenas a partir da década de 1950, com a disseminação da televisão, o profissionalismo ganha espaço e mais aceitação, em razão do início de uma transformação do esporte espetáculo. Todavia, anteriormente, nos JO de 1948 já estavam impregnados sinais da espetacularização do esporte, como a grande cobertura do evento pela imprensa mundial, porém ainda limitada a jornais e rádios, como enfatiza uma reportagem sobre a expansão da cobertura jornalística, a qual foi possivelmente inesperada pela organização do evento, uma vez que “foi necessário aumentar [...] as linhas telefônicas e telegráficas, para possibilitar as emissões radiofônicas e telegráficas, [...] efetuadas por 65 repórteres de 10 países [...] [e] emitidas 360 reportagens simultaneamente”⁵³ (p. 1).

No Brasil, o esporte sob a chancela do Decreto-Lei 3.199/1941 estava impelido a resguardar o amadorismo sobre o profissionalismo, como determina seu Artigo 53, o qual perpetua a obrigatoriedade de entidades esportivas, onde existiam esportes de prática profissional, a “organizar a superintendência técnica das atividades amadoras correspondentes e realizar torneios e campeonatos exclusivamente de amadores”³⁴. Deste modo, percebe-se que era reconhecida a existência do esporte profissional, embora fosse controlada. Isto permitia que os atletas que se destacavam em competições fossem cobiçados por clubes, os quais se utilizavam desta estratégia para a superação dos adversários nos eventos esportivos. A sequência de vitórias dos remadores sul-rio-grandenses, amplamente disseminadas pelos jornais gaúchos e cariocas, aliciou o olhar e o interesse de clubes.

Conforme a afirmação do ex-remador do Clube de Regatas Guanabara, Carlos Osório, o Clube de Regatas Vasco da Gama - ambos os clubes do Rio de Janeiro -, na década de 1940, oferecia casa, comida e pagava um pequeno auxílio financeiro para ajudar os atletas nas despesas com transporte. Por meio de tais benefícios ofertados, recrutava remadores, na maioria homens pobres, dos estados do Espírito Santo e do Rio Grande do Sul para atuar no clube. Carlos Osório declarou em entrevista: o que o clube mais fazia era arranjar emprego para o pessoal⁵⁴. Após esta declaração, jornais gaúchos e cariocas desenvolveram grandes debates sobre a inserção da profissionalização do remo neste último estado, onde o remo possui uma longa tradição de prática, visto que foi o primeiro a organizar um órgão regulador, o Comitê de Regatas, em 1894¹¹.

Nesta direção, um ano antes dos JO, uma notícia divulgada pelo jornal *Correio da Manhã*⁴⁵ aventou que os dois remadores sul-rio-grandenses estavam inclinados a aceitar uma proposta feita pelo *Club de Regatas Vasco da Gama*, do Rio de Janeiro. Tal apontamento pode ter sido um dos impulsionadores de uma das maiores polêmicas envolvendo a equipe de remo da delegação brasileira olímpica de 1948. A notícia aludia não apenas troca de clube pelos remadores, mas sugeria que elementos de profissionalização poderiam estar envolvidos na situação de mudança de um clube sul-rio-grandense por outro carioca, sem outros motivos que não fosse a prática do esporte. Após o surgimento de rumores sobre o afastamento dos atletas do Rio Grande do Sul para atuar como remadores em clubes de outro estado, novos boatos foram veiculados, alegando que eles possuíam muitos recursos financeiros e, por isso, não aceitariam propostas de outros clubes. No entanto, parece que nenhum dos dois gozava de privilegiada situação financeira pessoal ou familiar, pelo contrário, as fontes de renda eram as respectivas profissões, o Paulo Diebold era bancário e Pércio Zancani era vendedor. Além disso, até então, os próprios remadores se intitulavam amadores.

De acordo com o jornal *Correio da Manhã*, o interesse pelos remadores sul-rio-grandenses não era apenas do *Club de Regatas Vasco da Gama*, do Rio de Janeiro, mas também do *Clube de Regatas Flamengo*, da mesma cidade, e do *Clube Floresta*, de São Paulo. O texto ainda afirmava que os remadores estavam indecisos entre tantas propostas, e alegaram que não tinham nada decidido, e nem temiam a Federação Aquática do Rio Grande do Sul (FARGS). Eles não desmentiram e nem confirmaram nada sobre as propostas, apenas afirmaram que qualquer decisão só seria tomada após o Campeonato Sul-Americano de Remo, para o qual treinavam⁵⁵. Possivelmente, a expectativa de conquistar a vaga para a participação nos JO fizera-os adiar a decisão e dar tal declaração.

Nesta matéria jornalística, o jornal *Correio da Manhã* evocou visibilidade ao assunto amadorismo por meio de uma manchete, a qual destacava que a FARGS estava avaliando esta situação entre os clubes de remo. No mesmo texto constava que a entidade não ficou satisfeita com as informações divulgadas pelos jornais sobre a conduta dos remadores, as quais afirmavam que eles não desejavam continuar remando nos clubes do Rio Grande do Sul. A reportagem segue transcorrendo, tendo a FARGS como protagonista da defesa do amadorismo⁵⁵ e dizia que este órgão administrativo considerou a possibilidade de eliminar os remadores do seu quadro, tachando-os de profissionais e fazendo com que os mesmos deixassem de participar de campeonatos brasileiros até que o profissionalismo do remo fosse extinto para sempre. Não foram encontradas outras fontes que confirmassem a versão do jornal

Correio da Manhã, porém esta oferece evidências que, no Rio Grande do Sul, as questões referentes ao amadorismo e ao profissionalismo no remo mobilizava os órgãos esportivos da época.

Outras matérias começaram a trazer o assunto para a pauta jornalística e estimular as disputas identitárias entre os estados, utilizando representações de amadorismo e profissionalismo para tanto. Em matéria intitulada “Os que deturpam o amadorismo” no Correio da Manhã¹², o jornal referiu que a imprensa sul-rio-grandense fazia “comentários incisivos”^{11*} contra os clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo e os responsabilizava pela onda de profissionalismo que começava a imperar no remo destas cidades, embora os clubes continuassem com o rótulo de amadoristas. O Correio da Manhã ainda afirma que tais comentários ocorreram devido a uma notícia anteriormente veiculada sobre o *Club* de Regatas Vasco da Gama e uma suposta “proposta ao popular *rower* [remador] gaúcho^{12*,12}” (p. 2). Aparentemente, a matéria foi publicada em um jornal que defendia os clubes sul-rio-grandenses em oposição a outro, o qual tomava posição ao lado dos clubes cariocas para a conquista da dupla Percio Zancani e Paulo Diebold. Nesta mesma notícia, o jornal lembrou que “em 1947, o Botafogo mandou o conhecido técnico alemão Keller, a esta capital [Porto Alegre], convidar aqueles dois elementos [Diebold e Zancani] e mais o sculler [Arlindo da Cunha Cabral]¹² (p. 3). Na ocasião, o jornal ressaltou novamente que a FARGS tomaria medidas enérgicas contra a investida dos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Posteriormente, este boato foi retomado pelo mesmo jornal com ênfase e pressão no COB: “Ora, se isto foi concretizado, o Comitê Olímpico não pode ficar indiferente, pois não poderá permitir que elementos que mudam de clube por dinheiro sejam considerados amadores”⁵⁷ (p. 12).

Como os remadores sul-rio-grandenses eram os favoritos para as competições que definiam as vagas na delegação olímpica brasileira, estas publicações da imprensa carioca, colocando em dúvida os valores dos remadores enquanto esportistas, poderiam ter a intenção de abalá-los para a competição no Campeonato Sul-Americano de Remo que aconteceu no mês seguinte, visto que esta seria a eliminatória para os JO e remadores cariocas estavam cotados em segundo lugar. Desta forma, o discurso do amadorismo esportivo como prática de distinção pode ter sido utilizado para eliminar e qualificar atletas em uma competição fora das raias das regatas.

^{11*} Tais reportagens não foram encontradas.

^{12*} De acordo com Petri⁵⁶, essa alcunha advém da região do pampa (uruguaio e argentino) e avançou para além das fronteiras do Rio Grande do Sul e chegou para o restante do Brasil, que passou a reconhecer essa designação como sinônimo de pessoas nascidas no Rio Grande do Sul, os rio-grandenses-do-sul ou sul-rio-grandenses.

A dupla de remadores venceu o Campeonato Sul-Americano de Remo em quatro de abril de 1948, no Uruguai, nas provas de Dois sem Timoneiro e Dois com Timoneiro, com Arlindo da Cunha Cabral na equipe^{58,18} e, assim, foram considerados em condições de participar dos JO de Londres. As vitórias e a exposição dos remadores sul-rio-grandenses despertaram a atenção da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que sugeriu a abertura de uma subscrição popular, através do jornal Folha da Tarde, para a compra de um novo barco, sem timoneiro, para a dupla campeã brasileira e sul-americana, visto que o barco que utilizavam, encontrava-se em péssimas condições⁵⁹. Diante desse episódio, percebe-se que os órgãos nacionais responsáveis pelas organizações esportivas, como a CBD, tinham mais preocupação com a vitória em competições internacionais do que com o debate sobre o amadorismo e profissionalismo provocado pelos jornais.

Outro indício disso foi que, mesmo com toda polêmica, em oito de julho de 1948, a CBD enviou um ofício à FARGS requisitando os campeões sul-americanos, brasileiros e sul-rio-grandenses de remo, Percio Zancani, Paulo Diebold e o timoneiro Arlindo Cabral, para representarem o remo brasileiro nos JO de Londres. Tal fato acarretou ainda mais discussões sobre amadorismo e profissionalismo, visto que este assunto tinha sido plantado no imaginário em torno destes esportistas. Assim, a escolha dos remadores sul-rio-grandenses foi alvo de diversos debates nos jornais e rádios, do público e dos dirigentes esportivos, tendo os temas amadorismo e profissionalismo substituído as elucubrações sobre chances de medalhas, que normalmente são o conteúdo de matérias jornalísticas sobre atletas olímpicos.

Possivelmente, em resposta aos jornais cariocas e buscando reconstruir a imagem dos remadores, o Jornal do Dia, do Rio Grande do Sul, trouxe em sua capa, uma reportagem abordando sobre como a dupla se uniu e, juntamente, apresentou elementos de amadorismo na prática de ambos. Nesta direção, a narrativa começa descrevendo o início da dupla com um encontro em um final de semana na sede do clube onde os dois remavam por lazer, após identificarem a afinidade nos movimentos técnicos de remo, combinaram o início dos treinamentos⁶⁰. Além disso, o jornal ressaltou que, anteriormente a eles, seus pais, Ricardo Antônio Zancani e Ottomar Diebold, também eram remadores⁶⁰. Tal discurso apresenta uma tradição familiar de amadorismo seguida pelos remadores, como uma conservação de um modo a ser legitimado. Uma vez que o esporte instaurou-se com os valores do amadorismo nos clubes durante o século XIX e início do século XX, sugeriu-se uma manutenção destes herdada dos pais. Tais valores, apesar de parecerem claros, poderiam ser facilmente relativizados, visto que, de acordo com Dunning⁴, a moral amadora era um conjunto de valores amorfo, articulado de

maneira vaga no que diz respeito às funções do esporte e aos padrões que se acreditava serem necessários a sua realização.

O debate sobre o caso de Pércio Zancani e Paulo Diebold permaneceu em discussão durante o período entre o convite para compor a delegação olímpica e a volta dos JO. Tanto que o próprio Paulo Diebold sentiu necessidade de conceder declarações ao Jornal do Dia sobre sua posição quanto a deixar o GPA, após outro jornal ter divulgado que o mesmo havia afirmado que, quando voltasse dos JO de Londres, iria passar a competir pelo Botafogo de Futebol e Regatas do Rio de Janeiro. Na declaração, Paulo Diebold afirmou que “a notícia divulgada é inteiramente destituída de fundamento e que pode atribuir sua divulgação a um movimento sensacionalista em torno de sua pessoa”⁶¹ (p. 1).

Entretanto, na mesma reportagem ele confirmou que, em uma cafeteria de Porto Alegre, em tom de ironia teria comentado com o presidente da FARGS que enquanto estivesse no Rio de Janeiro, antes do embarque para os JO, iria procurar o clube carioca, denominado de “Glorioso” na época⁶¹, o que teria oportunizado que a sua fala fosse retirada de contexto e noticiada, já que havia elucubrações sobre a sua saída do GPA. Para finalizar o texto, a reportagem transcreveu uma fala de Paulo Diebold: “Pode dizer pelas colunas do JORNAL DO DIA Esportivo, que nos sentimos perfeitamente a vontade no G.P.A. e, como amadores que somos, jamais nos deixaríamos atrair por tentadoras propostas que nos venham de qualquer ponto do País.”⁶¹ (p. s/p).

Todavia, as especulações não terminaram após tais palavras categóricas, tanto que até mesmo o jornal Correio do Povo do Rio Grande do Sul⁶² (p. 11) não ficou de fora do debate e publicou em suas páginas duras críticas ao Conselho Técnico de Remo da CBD, o qual foi chamado de “órgão coveiro do esporte náutico nacional”, acusando-o por não promover provas de suficiência e muito menos eliminatórias, enterrando o remo: “No escuro indicou os remadores gaúchos. Nem cogitou saber junto à FARGS, se os mesmos estavam ou não em forma. E passou com sua displicência sobre os remadores do Brasil indicando arbitrariamente uma tripulação para representá-lo”⁶² (p. 11). Ainda sugeriu que se tivesse havido uma eliminatória interna para definir quem representaria o Brasil nos JO, seria uma forma de tirar as responsabilidades da CBD no caso de haver um fracasso: “Ao menos deveria marcar em Porto Alegre uma eliminatória. Nada disso foi feito.”⁶² (p. 11), registra o jornal. Tais discussões poderiam estar causando incômodo nos membros do cenário esportivo sul-rio-grandense, por isso a necessidade da solicitação do Correio do Povo, para demonstrar que existiam outros remadores capazes de conseguir competir nos JO e não colocar em dúvida o amadorismo do

remo sul-rio-grandense.

Desta forma, as discussões passaram a mirar os critérios determinados para definir as competições eliminatórias para os JO, com jornais gaúchos atacando a CBD, predominantemente composta por cariocas, e os jornais cariocas, defendendo este órgão esportivo, bem como sua escolha pelos remadores sul-rio-grandenses. Em contraponto a esta opinião do jornal gaúcho, o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, declarou em suas páginas, que o jornal do Sul do Brasil não tinha razão de atacar a entidade, pois o critério adotado para a seleção dos atletas foi o Campeonato Sul-Americano de Remo, explicando o porquê da não realização de eliminatórias nas categorias Dois Com e Dois Sem timoneiro. Para o jornal carioca, este critério foi o mais justo e, além disso, refere que o Conselho Técnico de Remo da CBD manteve contato com Pécio Zancani e Paulo Diebold, orientando-os sobre treinamento, e que seria uma injustiça se os remadores não tivessem a honra de defender o Brasil nos JO. Por fim, a matéria do jornal carioca pondera: “É possível que o órgão coveiro mereça censuras por muitos motivos, por este positivamente só merece louvores”⁶² (p. 11). Assim, o jogo vira e mudam as posições.

Outra disputa entre sul-rio-grandenses e cariocas que aconteceu nos bastidores e foi trazida à cena pelos jornais foi a posição de timoneiro nos JO de Londres em 1948. Arlindo Cabral atuava como timoneiro do barco de Paulo Diebold e Pécio Zancani, entretanto, antes de seu embarque, existiram elucubrações de que perderia sua posição no barco dos remadores para o irmão da cantora Carmem Miranda, o carioca Amaro Miranda Cunha, apelidado de Mocotó. A reportagem intitulada “Ainda o samba no Tamisa”⁶³ (p. 10) tratava com ironia esta possibilidade, ao afirmar que o tipo de música interpretado pela artista estaria presente onde haveria a competição olímpica de remo, o Tâmisia^{64,65}. Diferentemente da postura anterior, que foi de encontro ao jornal gaúcho, nesta reportagem o *Correio da Manhã* muda sua posição e critica o Conselho Técnico de Remo da CBD, afirmando que a entidade não realizou uma adequada organização do Campeonato Brasileiro de Remo, assim como se descuidou da participação do Brasil no Campeonato Sul-Brasileiro de Remo.

A mudança de narrativa do jornal *Correio da Manhã* foi oportuna para surgir uma crítica mais firme, acusando a entidade de indicar o nome do Mocotó ao COB para seguir com a delegação e, em seguida sugeriu que Arlindo Cabral também poderia ficar no Brasil para economizar uma passagem. Desta maneira, o jornal carioca demonstra a postura de crítica ou defesa da CBD quando o assunto não envolve a disputa entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro. Além disso, reforça a representação de superioridade carioca à gaúcha, quando refere:

“Para nós, êle [Mocotó] sempre foi e é ainda o maior timoneiro do Brasil, e, ainda o temos na conta de um grande treinador”⁶³ (p. 10).

A equipe de remo do Brasil era composta em sua totalidade por atletas sul-rio-grandenses, porém as versões são divergentes sobre a participação destes atletas nos JO de Londres. As informações disponíveis no [site](#) do clube GPA relatam que o timoneiro Arlindo da Cunha Cabral não participou, porque a dupla de remadores, Paulo Diebold e Pécio Zancani, optou por disputar apenas na categoria sem a presença de um timoneiro, focando apenas em uma prova. No livro do COB⁶⁶ consta que o barco de Paulo e Pécio com o timoneiro Arlindo Cabral foi desclassificado, pois Pécio teria passado mal durante uma das provas^{66,67,18}. Os remadores terminaram a sua participação, nesta edição dos JO, sem conquistar uma boa classificação e retornaram do evento com medalhas de participação. O debate em torno dos remadores sul-rio-grandenses não impediu a sua ida aos JO de 1948, nem sua participação, porém este pode ter influenciado no seu desempenho, pois eles não conquistaram os primeiros lugares, foram eliminados na terceira semifinal, onde ficaram em segundo lugar na categoria Dois Sem Timoneiro^{58,66}.

Em seu retorno, Paulo Diebold voltou a conversar com os repórteres do Jornal do Dia e descreveu sua impressão quanto ao que viu nos JO. Destacou sua sensação de inferioridade em relação ao material com que contavam “em confronto com os magníficos barcos que participaram das regatas olímpicas. [...] Quanto aos adversários destaca a dupla inglesa campeã olímpica, como um barco extraordinário e o físico dos atletas americanos”⁶⁸ (p. 6). Ao final da reportagem trata da participação dos JO de 1948 como uma oportunidade de aprendizagem, “não esconde o seu entusiasmo de continuar a treinar com afinco para participar com maiores possibilidades nas Olimpíadas de 1952 contando, então, com os ensinamentos obtidos na disputa da XIV Olimpíadas”⁶⁸ (p. 6). Todavia, este não foi o desfecho ocorrido.

De acordo com Martini⁵⁴, posteriormente a participação nos JO, Paulo Diebold e Pécio Zancani continuaram com a parceria no Rio Grande do Sul, até que no ano de 1951 o primeiro efetivou a sua transferência para o Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, possivelmente por não terem conseguido pontuação necessária para estar no páreo de escalação da equipe de remo da delegação olímpica brasileira para os JO de 1952, e assim não ver vantagens no amadorismo. Contudo, foram encontradas reportagens que apresentam informações difusas sobre o acontecido. No carioca Jornal dos *Sports* foi publicado que Paulo Diebold iria atuar na capital da Bahia, porém 10 dias depois desta divulgação, ocorre o registro

de uma retratação, afirmando que o remador iria para o Rio de Janeiro e atuaria pelo Clube de Regatas Flamengo^{69,70}.

Já em um jornal sul-rio-grandense, foi estampada uma nota oficial do GPA, intitulada “A despedida de Paulo Diebold do G.P.A.: uma nota oficial de seu antigo clube ‘para evitar falsas interpretações’”⁷¹ (p. 1), onde foi narrado um evento de despedida para o remador. Nesta ocasião Paulo Diebold reafirmou diante dos presentes, “seus companheiros de clube, para os quais não tinha segredos, que o único motivo que o levava para o Rio de Janeiro era o fato de ter sido transferido pelo Banco em que trabalha em virtude de promoção” (p. 1). O remador mudou-se para o Rio de Janeiro e começou a disputar competições nacionais, sem grandes conquistas, pelo Clube de Regatas Flamengo⁷². É provável que tenha atuado enquanto bancário e tornado-se um remador semiprofissional, que recebia benefícios por competir pelo clube, mas continuava com outra fonte de renda.

Poucas informações foram encontradas sobre Pércio Zancani após a realização dos JO de 1948, apenas duas informações contraditórias foram encontradas, uma publicada pelo carioca Correio da Manhã - reproduzindo o Diário de Notícias do Rio Grande do Sul -, e outra do Jornal dos *Sports*, também carioca. A reportagem originada no Diário de Notícias dizia que a dupla tinha sido desfeita por determinação de Pércio Zancani em razão do falecimento do seu pai, Ricardo Antônio Zancani, e que o remador ficaria responsável pelo sustento da família em seu lugar, o que reduziria o seu tempo dedicado ao remo. No fim do texto foi reforçado a sua identidade amadora: “praticava o desporto como ele deve ser praticado: o desporto pelo desporto”⁷³ (p. 11). Um ano e três meses mais tarde, o carioca Jornal dos *Sports* publicou uma nota dizendo que ambos os remadores iriam competir pelo Clube de Regatas Flamengo e que o GPA iria denunciá-los por profissionalismo⁷⁰ (p. 8), porém como a despedida apenas de Diebold do GPA ocorreu posteriormente, a reportagem do jornal carioca apresenta indícios de ter sido confeccionada de forma sensacionalista e provocativa.

Em tais reportagens foi possível identificar como sujeitos sociais constroem os seus significados através da apreensão, compreensão e expressão narrativa da sociedade¹⁵, neste caso voltados para a edificação de disputas de representações entre gaúchos e cariocas baseados em valorizações a partir da narrativa de oposição entre amadorismo e profissionalismo. De acordo com Motta¹⁵ produtos veiculados pela mídia, como reportagens em jornais, exploram narrativas fáticas, imaginárias ou híbridas, para conquistar a atenção e fidelidade do leitor e, ao mesmo tempo, para provocar-lhe efeitos de sentido, exploram o fático para causar efeito de real e o fictício para causar efeitos emocionais. Nesta direção, percebeu-se que, além dos jornais, no

estado de procedência dos atletas olímpicos, o Rio Grande do Sul, a Revista do Globo, veiculou reportagens^{64,65} que corroboraram para a construção do imaginário social acerca dos remadores que foram aos JO de 1948.

Considerações finais

O presente estudo buscou compreender como a presença de atletas do remo sul-rio-grandense na delegação brasileira dos JO de 1948 mobilizou representações sobre amadorismo e profissionalismo em alguns órgãos das imprensas gaúcha e carioca. As informações extraídas de jornais de circulação periódica nos estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro no período que antecedeu, transcorreu e sucedeu os JO de Londres em 1948, assinalou divergências de opiniões. Os indícios encontrados nas fontes apontam que a classificação dos remadores gaúchos Paulo Diebold e Pércio Zancani desencadearam disputas de representações identitárias entre gaúchos e cariocas construídas por valores empregados na prática esportiva amadora e profissional.

O amadorismo e o profissionalismo no esporte já envolviam o imaginário internacional, após a Segunda Guerra Mundial e com o advento dos JO de 1948 o debate foi potencializado. A discussão se expandiu, alcançando o contexto brasileiro por meio do acirramento nas competições nacionais, principalmente, envolvendo o Rio de Janeiro e São Paulo, estados que buscavam cooptar esportistas de diferentes procedências. Devido ao desempenho destacado em provas nacionais e estaduais, os remadores sul-rio-grandenses foram cobiçados para atuarem profissionalmente em clubes externos ao Rio Grande do Sul. Tais rumores alcançaram a imprensa gaúcha e carioca, as quais alimentaram discussões sobre amadorismo e profissionalismo no esporte ao serem mobilizadas pela convocação da dupla de remadores à composição da delegação brasileira nos JO de Londres, em 1948.

Percebeu-se que, apesar do processo de profissionalização dos atletas ter começado a ganhar força a partir da década de 1950, no Brasil esta realidade já se manifestava anteriormente. O caso dos remadores olímpicos de 1948 demonstra que este processo foi também ancorado por polêmicas geradas pelas imprensas regionais baseadas em conflitos de representações estaduais, suscitada pela competição acirrada e a busca de resultados no esporte. Tais elementos eram estimulados como forma de atrair leitores para os jornais, pois se desenrolavam em forma de narrativa contínua, com novos acontecimentos apontados em sequências de reportagens e mobilizavam perspectivas factuais e sentimentais. Além disso,

pondera-se que as competições dos JO, apesar de buscarem a igualdade de competição entre os atletas, possuíam ainda elementos de desigualdade, uma vez que não levavam (e não levam) em conta as características sociais e econômicas dos países participantes, e assim impulsionavam o “profissionalismo marrom” em países que não se localizam na Europa ou nos estados da América do Norte.

Outros questionamentos surgiram a partir dos indícios encontrados e, de tal modo, sinalizam futuros estudos: qual a posição dos clubes e federações de remo gaúchos e cariocas perante esta discussão; e como os remadores lidaram com as manifestações jornalísticas. Estas, todavia, não são questões fáceis de responder devido, principalmente, à escassez de outras fontes sobre o assunto, além dos jornais. Contudo, esperamos por meio desta pesquisa contribuir para reflexões acerca do amadorismo e profissionalismo no âmbito do esporte brasileiro.

Referências

1. Castro D. A busca por patrocínio desafia até mesmo atletas de elite do país. Folha de São Paulo, São Paulo, 2020 jan 4. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/01/busca-por-patrocínio-desafia-ate-mesmo-atletas-de-elite-do-pais.shtml> [2020 mar 10].
2. Proni M. A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. Esp e Soc. 2008; 3(9): 1-35.
3. Bourdieu P. "Como é possível ser esportivo?" In: Bourdieu P, organizador. Questões de sociologia. Rio de Janeiro (RJ): Marco Zero; 1983. p. 136-163.
4. Dunning E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: Elias N, Dunning E, organizadores. A Busca da Excitação. Lisboa (Portugal): Difel; 1992.
5. Hobsbawm E. A era dos impérios (1875-1914). 3. ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1988.
6. Chartier R. Pierre Bourdieu e a história. Rio de Janeiro (RJ): Topoi; 2002.
7. Burke P. O que é História Cultural? Rio de Janeiro (RJ): Zahar; 2005.
8. Yamandu W, Góis JE. Profissionalismo “marrom” no futebol e a imprensa paulista (1920-1930). Recorde. 2012; 5(2): 1-13.
9. [Anonymus]. O Brasil nas olimpíadas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1948 jun 6; p. 25.

10. Cancelli K. O esporte e a Marinha do Brasil: primeiras aproximações e a institucionalização da prática esportiva através da criação da *Liga de Sports da Marinha*. XXVI Simpósio Nacional de História; 2011 jul 17-22; São Paulo (SP): ANPUH; 2011.
11. Silva CF. Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul: esportivização e contatos culturais nos clubes. [Tese de Doutorado em Ciências do Movimento Humano]. Porto Alegre (RS): Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.
12. [Anonymus]. Os que deturpam o amadorismo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1948 mar 28; p. 3.
13. Traquina N. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa (Portugal): Veja; 1993.
14. Pesavento SJ. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica; 2008.
15. Motta LG. *Análise crítica da narrativa*. Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília; 2013.
16. Felippi ÂCT. *Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora*. [Tese de Doutorado em Comunicação Social]. Porto Alegre (RS): Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2006.
17. Mazo JZ. *A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira*. [Tese de Doutorado em Ciências do Desporto]. Porto (Portugal): Universidade do Porto; 2003.
18. Clube de regatas Guaíba Porto Alegre [página na internet]. *Cronologia Gepeana*. Disponível em <http://www.gpa1888.com.br/> [2012 abr 12].
19. Bolz D. Welcoming the World’s Best Athletes: an Olympic challenge for Post-war Britain. *Int J Hist Sport*. 2010; 27(6): 1006-1028.
20. Parks J. ‘Nothing but trouble’: the Soviet Union’s push to ‘democratise’ international sports during the Cold War. *Int J Hist Sport*. 2013; 30(13): 1554-1567.
21. Baker N. The amateur ideal in a society of equality: change and continuity in Post-Second World War British sport, 1945-48. *Int J Hist Sport*. 1995; 12(1): 99-126.
22. Pereira MS. O papel da mulher no positivismo ortodoxo brasileiro: um projeto conservador. *CES Rev*. 2016; 30(1): 235-246.
23. Chaves R. A revitalização do centenário GPA. *Jornal Zero Hora*, 2019 out 3; 36: Almanaque Gaúcho.
24. *Catalinas no Brasil* [página na internet]. Ivan Zanoni Hausen. Disponível em <http://www.catalinasnobrasil.com.br/site/fabs/1013-ivan-zanoni-hausen.html> [2017 jul 11].

25. Hausen I. *The Coldest War, (A Mais Fria das Guerras)*, de Cleo Sulzberg. Rio de Janeiro (RJ): José Olímpio; 1976.
26. Hausen I. *Managing Thru People, (Administrando Através das Pessoas)*, do Dale Garnege Institute. Rio de Janeiro (RJ): Artenova, 1975.
27. Hausen I. *Brasil Por Que os Militares?* Rio de Janeiro (RJ): Artenova; 1975.
28. Hausen I. *Segurança Empresarial*. Brasília (DF): Horizonte; 1977.
29. Thesaurus editora [página na internet]. Ivan Zanoni Hausen. Disponível em <http://www.thesaurus.com.br/autor/ivan-zanoni-hausen> [2017 jul 11].
30. [Anonymus]. Ofício do presidente do Conselho Técnico de Atletismo ao presidente da Confederação Brasileira de Desportos [documento mimeografado]. Rio de Janeiro (RJ), 1948 jun 24; p. 1-2.
31. Fonseca P. Com um terço de atletas das Forças Armadas, Brasil libera continência no pódio da Rio 2016. Notícias Esportivas, 2016 jul 19. Disponível em <https://br.reuters.com/article/sportsNews/idBRKCN0ZZ2KK> [2018 out 22].
32. Müller N, Todt N. *Pierre de Coubertin (1863-1937). Olimpismo: seleção de textos*. Lausanne (Suíça): Comitê Internacional Pierre de Coubertin; 2015.
33. Vigarello G, Holt R. O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX. In: Corbin A, Courtine JJ, Vigarello G, organizadores. *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis (RJ): Vozes; 2012. p. 393-478.
34. Brasil. Decreto-lei n. 3199 de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593&tipoDocumento=DEL&tipoTexto=PUB> [2020 mar 18].
35. Almeida MB, Gutierrez G, Marques R. Uma leitura do futebol em São Paulo: a ginga, os territórios e as identidades. *Rev ALESDE*. 2013; 3(1): 52-71.
36. [Anonymus]. O que se passa no Gremio Porto Alegrense. *A Federação*, Porto Alegre, 1936 dez 29; p. 2.
37. Mazo JZ, Silva CF, Baia A. O itinerário de um atleta olímpico não medalhista: Willy Seewald (*1900+1929). *Rev Motiviv*. 2017; 29(51): 157-173.
38. Mazo JZ, Silva CF, Merlin GK, Todt N. Shooting: the First Brazilian Olympic Medals. *Diagoras: International Academic Journal on Olympic Studies*. 2017; 1: 135-152.
39. Silva CF, Katcipis LF, Mazo JZ. Rio 2016 Olympic Games and immaterial legacy. *Journal of Human Sport and Exercise*. 2018; 13(1proc): S17-S25.

40. Mazo JZ, Assmann A. Willy Seewald and the 1924 Olympic Games in Paris. *Journal of Olympic History*. 2016; 2: 28-34.
41. [Anonymus]. O nosso comparecimento às olimpíadas de 1932. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1928 ago 2; p. 10.
42. [Anonymus]. Podem os remadores brasileiros ir a Londres?. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1947 out 29; p. 10.
43. Confederação Brasileira de Remo [página na internet]. História. Disponível em <http://www.remobrasil.com/institucional/historia> [2015 mai 21].
44. Reeberg W. História da Confederação Brasileira de Remo: das raízes à fundação. Confederação Brasileira de Remo. 2007 jul. Disponível em http://www.cbrremo.com.br/files/a_cbr.asp?acbr_key=1 [2015 mai 21].
45. [Anonymus]. Remo em vez de renovação importação de valores. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1947 out 30; p. 12.
46. [Anonymus]. Tudo pronto para o campeonato Brasileiro de Remo: mais firmes, os gaúchos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1948 mar 5; p. 10.
47. [Anonymus]. Campeonato brasileiro de Remo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1948 mar 9; p. XX.
48. [Anonymus]. Pindahyba transforma-se em indiferença. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1948 fev 17; p. 12.
49. [Anonymus]. O Brasil e as olimpíadas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1948 mai 14; p. 11.
50. [Anonymus]. 4 milhões e 800 mil cruzeiros para a delegação brasileira dos Jogos Olímpicos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1948 jul 7; p. 1.
51. [Anonymus]. A representação carioca ao campeonato brasileiro, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1948 fev 25; p. 10.
52. Giglio SS. A história política do futebol olímpico (1894-1988). São Paulo (SP): FAPESP; 2018.
53. [Anonymus]. A abertura dos jogos dos Jogos Olímpicos de 1948, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1948 jan 30; p. 1.
54. Martini S. Memórias dos atletas olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses (1960- 1972). [Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano]. Porto Alegre (RS): Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013.

55. [Anonymus]. Ainda os coveiros do remo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1948 mar 10; s/p.
56. Petri V. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito, um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. Letras. 2008; 18(2): 227-243.
57. [Anonymus]. O remo e seus coveiros. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1948 mar 30; p. 12.
58. Licht H. O remo através dos tempos. Porto Alegre (RS): CORAG; 2013.
59. [Anonymus]. A regata. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1948 abr 6; p. 12.
60. [Anonymus]. Como nasceu a famosa dupla. Jornal do Dia, Porto Alegre, 1948 jun 9; s/p.
61. [Anonymus]. Paulo Diebold afirma que jamais pensou deixar o GPA. Jornal do Dia, Porto Alegre, 1948 jun 27; p. 1.
62. [Anonymus]. Os gaúchos nas Olimpíadas. Correio do Povo, Rio de Janeiro, 1948 jul 16; p. 11.
63. [Anonymus]. Ainda o samba no Tamisa. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1948 jul 10; p. 10.
64. Vidal R. Dois Gaúchos no Tamisa. Revista do Globo, Porto Alegre, 1948 ago 7; 464: 1.
65. Vidal R. Dois Gaúchos no Tamisa. Revista do Globo, Porto Alegre, 1948 ago 7; 464: 23.
66. Comitê Olímpico Brasileiro. Sonho e conquista: o Brasil nos Jogos Olímpicos do Século XX. Rio de Janeiro (RJ): COB; 2004.
67. Confederação Brasileira de Remo [página na internet]. Resultados. Disponível em http://www.cbr-remo.com.br/files/resultados_atleta.asp [2012 mai 30].
68. [Anonymus]. Estaremos presentes na Finlândia em 1952. Jornal do Dia, Porto Alegre, 1948 ago 28; p. 6.
69. [Anonymus]. Desfalcado o remo gaúcho. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 1950 abr 3; p. 10.
70. [Anonymus]. Sensacionais transferências no remo. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 1950 abr 13; p. 10.
71. [Anonymus]. A despedida de Paulo Diebold do G.P.A. Jornal do Dia, Porto Alegre, 1950 abr 19; p. 1.
72. [Anonymus]. Será bem dividida a regata. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 1950 jul 7; p. 10.
73. [Anonymus]. Despedida da dupla gaúcha Paulo e Pércio. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1949 jan 28; p. 11.